

DESCOMPLICANDO TERMINOLOGIAS EM INFECTOLOGIA VETERINÁRIA: REVISÃO DE TEMA

Eder Ribeiro Silva^{1*} e Lucas Belchior Oliveira de Souza².

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário UNA – Linha Verde – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: ribeiroeder28@gmail.com

²Docente do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário UNA – Linha Verde – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

Dentro da infectologia veterinária, a clareza para com as nomenclaturas e conceitos é fundamental, uma vez que mudanças sutis em termos técnicos podem acarretar ambiguidades que geram impactos diretamente em termos clínicos, laboratoriais e em gestão de aspectos em saúde¹. O rastreamento de patógenos, por exemplo, tem se tornado um grande desafio para a saúde pública devido à inconsistência entre a designação do agente causador e da própria doença¹. Muitas vezes, adotam-se a fórmula “nome do organismo [x] causador da doença [y]”, generalizando condições e especificidades distintas importantes dentro do meio¹. Esta prática resulta em termos pouco representativo e muita das vezes errôneo na identidade taxonômica e no diagnóstico do agente etiológico.

Diante disso, o objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão de literatura evidenciando a relevância da padronização terminológica, para minimizar falhas de compreensão e aprimorar a comunicação técnica na área de infectologia veterinária¹.

METODOLOGIA

Para esta pesquisa, realizou-se uma revisão de literatura no formato de resumo expandido, utilizando bases como o PubMed e Google Acadêmico, além da “Journal of Clinical Microbiology”, revista de alto impacto e relevância dentro da área de infectologia veterinária e microbiologia clínica. Foram coletados artigos científicos entre o período de 2015 e 2025, levando em consideração sua atualidade e contribuição para com este estudo, visando centralizar a importância de terminologias e nomenclaturas concisas dentro da ciência.

RESUMO DE TEMA

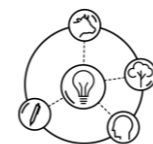
A análise da literatura científica evidencia que a ausência de padronização, seja em comentários de pesquisas ou em diagnósticos clínicos e laboratoriais, configura um desafio transversal de impacto global para a saúde pública. Nesse sentido, torna-se imprescindível que tal questão seja tratada como prioridade por profissionais que atuam com infectologia. A discrepância quanto à necessidade de atualização taxonômica não envolve apenas a afiliação genérica do agente etiológico. Por exemplo, o gênero *Sporothrix* spp. passou por reavaliações significativas em sua nomenclatura a partir de estudos de filogenia molecular, que permitiram distinguir um complexo de espécies antes agrupadas sob *Sporothrix schenckii* sensu lato⁹. Essa redefinição taxonômica é de grande importância para a medicina veterinária, uma vez que espécies como *Sporothrix brasiliensis* apresentam elevada patogenicidade em felinos e relevante potencial zoonótico, estando associadas a surtos de esporotricose em diversas regiões do Brasil¹⁰. Um outro reflexo dessa dificuldade se refere quanto a classificação de pacientes identificados entre “suspeita clínica” e “caso confirmado”, em que um se refere a um julgamento inicial de sinais clínicos e histórico do paciente, sendo considerado um diagnóstico confirmado, enquanto em outros contextos somente exames laboratoriais tem o peso de ser um “caso confirmado”, ocasionando fragilidade em protocolos de biossegurança durante um tratamento clínico³. Ainda na saúde coletiva, conceitos como “emergentes”, “re-emergentes” e “spillover” que são frequentemente tratados em diversas maneiras em contextos políticos e científicos distintos, comprometendo a importância em que cada palavra precisa ser empregada de forma concisa 4,5.

O impacto causado pela incoerência de uniformidade pode afetar diretamente doenças infecciosas de relevância na medicina veterinária, como as Leishmanioses, Babesioses e Ehrlichioses, hemoparasitoses cujo diagnósticos isolados podem acarretar interpretação incorreta, como “infecção ativa”, “portador assintomático” e “caso suspeito”^{4,6}. Além disso, inconsistências entre terminologias dentro da sorologia, como “teste positivo”, “sorologia reagente” e “cut-off não definido” muita das vezes irão culminar em diagnósticos falso-positivos ou falso-negativos, prejudicando protocolos de estadiamentos clínicos e epidemiológicos⁶. Na Tabela 1, os principais termos de importância à Infectologia Veterinária

são apresentados, com especial atenção às inconsistências técnicas e terminológicas, assim como a definição correta para o uso rotineiro.

Quadro 1 - Exemplos de inconsistências terminológicas observadas na literatura em infectologia veterinária (Fonte Autoral).

Termo	Inconsistência comum	Definição correta
Antígeno	Usar como sinônimo de anticorpo ou substância genérica	Molécula ou fragmento que estimula resposta imune específica
Anticorpo	Interpretar presença como sinônimo de doença ativa	Proteína produzida pelo sistema imune para neutralizar antígenos específicos
Células T CD4+	Tratar apenas como marcador de vírus sem considerar papel imunológico	Células T auxiliares que expressam a molécula CD4 na superfície, coordenando respostas imunes adaptativas. Regulam a ativação de células imunes, influenciam a produção de citocinas e impactam a resistência ou susceptibilidade a infecções
Doença contagiosa	Confundida com infecciosa	Doença que se transmite diretamente de um indivíduo para outro.
Doença infecciosa	Frequentemente usada como sinônimo de contagiosa	Doença causada por microrganismos patogênicos, podendo ou não ser transmitida entre indivíduos.
Doença infectocontagiosa	Usada incorretamente como sinônimo de infecciosa	Doença causada por agente infeccioso que pode ser transmitida diretamente entre hospedeiros.
Especificidade	Confundida com sensibilidade	Capacidade de um teste identificar corretamente os indivíduos sadios (verdadeiros negativos).
Reação em Cadeia da Polimerase (PCR)	Considerar resultado positivo como indicador exclusivo de infecção ativa ou doença	Técnica molecular que amplifica material genético do patógeno, detectando presença do agente, podendo identificar portadores assintomáticos
Sensibilidade	Confundida com especificidade	Capacidade de um teste identificar corretamente os indivíduos doentes (verdadeiros positivos).
Sorologia IgG (presença de anticorpos IgG)	Interpretar como indicador seguro de infecção ativa sem considerar memória imunológica	Imunoglobulina G, anticorpo mais duradouro que indica exposição passada, imunidade ou fase crônica da infecção
Sorologia IgM (presença de anticorpos IgM)	Interpretar presença de IgM como infecção crônica ou exclusiva	Imunoglobulina M, anticorpo produzido precocemente após exposição ao antígeno, indicando infecção recente ou aguda



XVI Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

<i>Spillback</i>	Muitas vezes utilizados como sinônimo de <i>spillover</i>	Processo que um patógeno retorna da nova espécie afetada para uma ou mais espécies animais, muitas vezes retornando ao hospedeiro original ou a outros animais suscetíveis.
<i>Spillover</i>	Muitas vezes confundido com <i>spillback</i>	Processo em que um patógeno é transmitido de uma espécie reservatório para outra espécie, geralmente causando uma nova infecção fora do hospedeiro original.
Linfócitos Th1	Usar indistintamente com Th2 ou sem referência ao perfil imunológico	Subtipo de linfócito T Helper que promove respostas imunes celulares e inflamatórias, essencial contra patógenos intracelulares
Linfócitos Th2	Confundido com respostas humorais ou como simplesmente anti-inflamatório	Subtipo de linfócito T Helper que estimula respostas imunes humorais, ativando produção de anticorpos, importante contra parasitos extracelulares
Valor de <i>cut-off</i>	Frequentemente mal interpretado como valor fixo universal	Ponto de corte que diferencia resultados positivos e negativos em testes diagnósticos.
Vetor	Confundido com hospedeiro ou diretamente atribuído como agente causador da doença	Organismo invertebrado que transmite um patógeno entre hospedeiros, sem desenvolver a doença necessariamente.

Quadro elaborado de acordo com os autores^{11, 12, 13}.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, diante do exposto acima, conclui-se que a padronização de terminologias na infectologia veterinária demanda não apenas uma contextualização mais clara de nomenclatura, mas se mostra fundamental para estabelecer coerência entre diagnóstico e tratamento dentro da saúde coletiva. As muitas divergências evidenciadas entre cada artigo apresentado demonstram o quanto a ausência de uniformidade compromete na clareza dos relatos e consequentemente nos resultados. Portanto, a consolidação de critérios terminológicos consistentes representa um avanço não apenas técnico, mas também uma medida vital para tornar a pesquisa científica mais precisa na medicina veterinária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. HOOG, S. *et al.* **Nomenclature for human and animal fungal pathogens and diseases: a proposal for standardized terminology.** Journal Of Clinical Microbiology, [S.L.], v. 62, n. 12, p. 1356-0093724, 11 dez. 2024.
2. SHAPIRO, J.T. *et al.* **Setting the Terms for Zoonotic Diseases: effective communication for research, conservation, and public policy.** Viruses, [S.L.], v. 13, n. 7, p. 1356-94, 13 jul. 2021
3. CORTELLINI, S. *et al.* **Defining sepsis in small animals.** Journal Of Veterinary Emergency and Critical Care, [S.L.], v. 34, n. 2, p. 97-109, 13 fev. 2024.
4. ALDERS, R. *et al.* **Emerging infectious disease prevention: veterinary action required.** Australian Veterinary Journal, [S.L.], v. 102, n. 9, p. 426-430, 16 jun. 2024.
5. FURTADO, T. *et al.* **Infecções zoonóticas em estudantes de veterinária do Reino Unido e da Irlanda: um estudo transversal.** BMC Public Health 24 , 1272 (2024).

6. OUYANG, Z. *et al.* **Risk factors for canine infectious respiratory disease complex and the pathogens associated with the disease.** Can Vet J. 2024 Nov;65(11):1172-1179.

7. PAULO, C. *et al.* **A 5-year retrospective study of canine and feline patients referred to an isolation unit for infectious diseases.** Vet Rec Open. 2021 Apr 5;8(1):e5.

8. BERENDT M. *et al.* **International veterinary epilepsy task force consensus report on epilepsy definition, classification and terminology in companion animals.** BMC Vet Res. 2015 Aug 28;11:182.

9. RODRIGUES, A. M *et al.* **The threat of emerging and re-emerging pathogenic *Sporothrix* species.** Mycopathologia, 185(5), 813–829, 2020, fev, 12.

10. GREMIÃO, I. *et al.* **Zoonotic epidemic of sporotrichosis: Cat to human transmission.** PLoS Pathogens, 13(1), e1006077, 2017, jan, 19.

11. THRUSFIELD, M. *et al.* **Veterinary Epidemiology.** 4. ed. Hoboken: Willey-Blackwell, 2018.

12. WORLD ORGANISATION FOR ANIMAL HEALTH (WOAH). **Terrestrial Animal Health Code.** Paris: WOAH, 2022. Disponível em: <https://www.woah.org/en/what-we-do/standards/codes-and-manuals/>.

13. CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA (CFMV). **Código de Ética do Médico-Veterinário.** Brasília: CFMV, 2020.